

FRESS

A mestria de saber perpetuar a História

A Conservação e Restauro do Património Integrado em Portugal tem, na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva, um dos seus importantes pilares. É da nossa História que nos fala o património e, neste antigo palácio, essa realidade assume uma dimensão diferente. O tempo ganha um ritmo próprio, até porque, neste campo, falamos de Arte, para a qual a pressa é inimiga da perfeição.



Modelos de trabalho de talha na FRESS

Criada em 1953, a Fundação Ricardo Espírito Santo Silva assume-se como um Museu-Escola para a preservação das Artes Decorativas Portuguesas e dos Ofícios a estas afectos. O banqueiro que, além do Palácio Azurara e da sua ímpar Colecção de Arte, deu o nome à Fundação é, merecidamente, encarado como Pai desta casa. A admiração por este homem que tanto contribuiu para a preservação do nosso património está bem patente, não só na forma como é referido por todos com quem conversámos, como na imagem exposta em muitas das salas. O seu exemplo e dedicação às artes é, aliás, bem definido por aqueles que o

comparam a um “Príncipe da Renascença”. Pensar na preservação do património desta forma foi, sem dúvida, inovador para a sua época, como nos reforça a assessora da direcção, Inês Holtreman. Perante esta doação, o Estado português concedeu à Fundação contrapartidas, estando, neste momento, sob a tutela dos Ministérios da Educação, da Cultura e das Finanças. Os Estatutos originais, que se mantêm até aos dias de hoje, irão ser revistos, tendo sido já criada uma comissão para este fim.

Num momento em que “tudo tem que ser feito para ontem”, onde se privilegiavam as peças massificadas e os preços

mais reduzidos, muitos há que não sabem dar valor ao trabalho, dedicação e singularidade de cada peça. Contudo, é importante lembrar que vivemos igualmente tempos marcados pela diversidade e diferença, existindo, felizmente, um determinado nicho de mercado que valoriza e reconhece o significado destas peças criadas ou preservadas por quem defende a excelência. Não podemos nunca esquecer que se tratam de verdadeiros clássicos que nunca passam de moda. São peças únicas, com uma história própria. Como é sublinhado por quem aqui colabora, mesmo que existam duas peças se-



Responsável da Oficina de Restauro, Alda Abreu



Mestre de Marcenaria, José Pereira



Trabalhos de restauro na FRESS

melhantes, a atenção dedicada e o pormenor de cada uma tornam-nas únicas! A formação de jovens é, certamente, uma das importantes vertentes deste projecto, que procura, assim, preservar o *know-how*, herança de diferentes gerações. Não descurando uma perfeita harmonia entre passado e presente, aposta-se numa contínua pesquisa por novos materiais, novas técnicas – colocados ao serviço da preservação do saber fazer. Aquilo que se pretende é compreender como as coisas foram feitas, a sua própria História, entendê-la e recontá-la, para que a intervenção seja levada a cabo de uma forma efectiva e harmoniosa.

O trabalho desenvolvido por esta instituição pode ser, segundo a responsável da oficina de restauro, Alda Abreu, como o de uma bitola, de orientação e de ensino, sobre o que se faz nesta área e como deve ser feito. Também por isso a formação contínua é indispensável. O querer fazer e o perseguir a excelência é um compromisso assumido abertamente. Aliás, como nos explica a nossa interlocutora enquanto nos vai guiando por este espaço, trabalhar aqui é muito mais do que simplesmente ter uma profissão, é uma forma de estar na vida. Só com paixão se concretizam estes objectivos, tanto mais quando em causa está um trabalho extremamente minucioso. Deve ser por isso que, nesta Fundação, é evidente o orgulho comum nas obras, resultado final de tanta dedicação.

O TRABALHO DE PRESERVAR A HISTÓRIA

O trabalho de Conservação e Restauro segue sempre um percurso próprio e definido. Começa-se por elaborar um diagnóstico do estado de conservação das peças. Depois, a proposta de intervenção e o respectivo orçamento, tendo em conta o rigor indispensável no tratamento de qualquer restauro. Finda esta fase, decorrem os estudos prévios. Após a aprovação da proposta, inicia-se a intervenção. Ao longo das várias fases, procede-se a registos fotográficos de acompanhamento, úteis para os relatórios de intervenção, que, no final, sempre documentam tudo o que foi empreendido. Todavia, o património é parte integrante de uma cultura nacional, pelo que cada caso varia de país para país, de cultura para cultura. Se os objectivos são claros, existem abordagens diferentes para uma mesma questão, dependendo das equipas e situações. Por vezes, metodologias e critérios de abordagem díspares traduzem-se em intervenções distintas. A título exemplificativo, Alda Abreu relembra a recuperação do Convento de Santo António, em Iguarassu, no Brasil. Com a duração de 27 meses, foi um autêntico desafio, quer pela diversidade, quer pelo contacto humano – neste projecto estavam envolvidas equipas do Brasil, de Portugal e Espanha. Por outro lado, o facto de estar longe do país de origem e da casa-mãe, implicou, necessariamente, soluções diferentes para as questões com as quais se deparou. Neste, como em mui-

tos outros projectos, sobressaiu o trabalho em equipas pluridisciplinares, de disciplinas como a História e a Arquitectura. Um testemunho da importância da troca de conhecimentos.

CINQUENTA ANOS DE OBRA FEITA

Ao longo dos cerca de 50 anos de existência, a Fundação tem uma história plena de riqueza que passa, obrigatoriamente, pelas obras realizadas. Para nos falar das mesmas, ninguém melhor do que o Mestre de Marcenaria José Pereira, colaborador da Fundação há mais de 40 anos – um percurso profissional que se confunde com a própria História da casa. A maioria das oficinas caracteriza-se pela integração, especialmente nas áreas de marcenaria, embutidos, talha, serralharia, cinzelagem e polimento – cuja colaboração é fundamental para a construção de qualquer peça de mobiliário. Na verdade, aqui são desenvolvidas réplicas, com a preocupação contínua de jamais se confundirem com as originais. Todas as réplicas criadas recebem uma marca a ferro com a indicação do ano em que foram feitas, assim como o número de série. Algumas das peças criadas nos primeiros anos da Fundação conquistaram já uma longevidade que lhes atribui um grande valor monetário. Os trabalhos feitos por encomenda do Governo francês para os Palácios de Versailles e de Fontainebleau e para a Biblioteca Nacional de Paris marcaram, sem dúvida, o trabalho desta casa e contribuíram para o seu prestígio internacional. De salientar, ainda, os



Telmo Miller



Telmo Miller



Telmo Miller



Telmo Miller



Telmo Miller

Pormenores do trabalho na Fundação Ricardo Espírito Santo Silva

trabalhos decorrentes do sismo de 1980 nos Açores, que implicaram tarefas de recuperação em várias igrejas do arquipélago, tendo a duração de seis anos. Também a intervenção na Procuradoria-Geral da República, onde, após o restauro estar concluído, um incêndio destruiu muito do que tinha sido realizado. Só os registos da Fundação permitiram que se recuperasse um património tão valioso. Outros exemplos, passam pela intervenção feita no mobiliário do Mosteiro de Alcobaça, os trabalhos desenvolvidos, por encomenda do Governo português para as embaixadas de Portugal em Washington, Rio de Janeiro, Pequim, Roma e Bruxelas, assim como a decoração de interiores e de peças de mobiliário para, entre outros, o Hotel Ritz e o Palácio de Seteais.


A Fundação Ricardo Espírito Santo Silva é singular em algumas áreas. Exemplo desta singularidade é a preservação de um tipo de ofício único em Portugal: o bater do ouro à mão. Curiosamente, é um trabalho que, apesar de elevada exigência física, é aqui desempenhado no feminino. Célia Madeira e Fernanda Maurício apresentaram-nos a sua arte. O ouro,

de 23 quilates, chega aqui em forma de barra e é fundido a 1000 graus centígrados. Posteriormente, laminado em fita com cerca de seis a sete metros, é cortado em pequenos quadrados, colocados entre folhas de tripa de boi e envolto em pergaminho. Este pequeno volume é batido com um martelo de cinco quilos. Na fase final do processo, as folhas de ouro são recortadas em pedaços menores, intercalados entre folhas de poliéster e envoltos em pergaminho são batidos com um martelo de três quilos. Finaliza com a separação e colocação em livros de 25 folhas de oito por oito centímetros, para, assim, seguir para outras oficinas da Fundação. Por exemplo, uma barra inicial de 100 gramas transforma-se em aproximadamente 2500 folhas de ouro.

A preservação de ofícios únicos é somente uma das vertentes do papel da Fundação na sociedade. O Mestre José Pereira faz questão de frisar esta missão, salientando que a preservação e a conservação do nosso património requerem um acompanhamento das obras realizadas, quando não seja possível a intervenção directa da Fundação.

O apoio da Fundação poderá basear-se

no aconselhamento técnico, na opinião sobre quais as melhores técnicas para uma determinada situação ou quais os melhores materiais. Um contributo materializado na análise concreta das especificidades de determinadas situações. Caso exemplar desta função é o estudo técnico e histórico dos interiores do Palácio Sotomayor, com a elaboração do caderno de encargos da obra de reabilitação. O trabalho desenvolvido entre estas diferentes entidades deverá, à semelhança de tudo o que é feito em Restauro, ser realizado em equipa.

Pensando no futuro desta casa de defesa das artes, todos esperamos que tenha pela frente, pelo menos, mais 50 anos. Para isso, é necessário que a sociedade em que vivemos incentive este tipo de actividade, que se aposte numa educação em que se fomente o gosto e a capacidade de apreciar o Património, especialmente junto dos mais jovens, dando, assim, continuidade ao trabalho de preservação e ensino iniciado pelo mentor Ricardo Espírito Santo Silva. 

Reportagem por
ALEXANDRA SOBREIRA, Loja da Imagem